

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

Vivências, Saberes e Resistências na Comunidade Quilombola São Miguel: Uma Experiência Formativa Antirracista

Gabriella Christiny da Silva

Christinygabriella.silva@gmail.com

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Unidade Dourados

Cíntia Diallo

cintia@uems.br

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Unidade Dourados

Eixo Temático: Educação, Diversidade e Práticas Antirracistas

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar reflexões e vivências resultantes da visita realizada no dia 24 de maio de 2025 à Comunidade Quilombola São Miguel, localizada no município de Maracaju, no estado de Mato Grosso do Sul. A atividade foi promovida pelo projeto de extensão MIR – Redes Antirracistas, em parceria com o CEPEGRE (Centro de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Raça e Etnia), e dos acadêmicos do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade de Maracaju. O encontro teve como principal objetivo proporcionar aos acadêmicos uma vivência formativa que rompesse com as barreiras do ensino tradicional e teórico, promovendo a escuta, o reconhecimento e a valorização dos saberes ancestrais da comunidade quilombola. A proposta se insere no compromisso com uma educação antirracista, crítica e socialmente comprometida, conforme preconiza a Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Mais do que uma simples visita, a atividade representou um encontro de histórias, memórias, resistência e luta por direitos. A experiência possibilitou compreender que a educação antirracista vai além dos conteúdos transmitidos em sala de aula, sendo um processo de construção coletiva, de desconstrução de preconceitos e de valorização dos sujeitos históricos que constituem a diversidade brasileira.

Palavras-chave: Educação antirracista. Quilombo. Cultura afro-brasileira. Formação docente. Direitos étnico-raciais.

Desenvolvimento da atividade

O dia na comunidade começou com um café da manhã partilhado, onde cada participante levou alimentos para serem compartilhados entre os presentes. Esse momento, embora simples, carrega grande significado simbólico, pois representa os valores da coletividade, da partilha e do acolhimento, que são pilares fundamentais da vida em comunidade quilombola.

Logo após o café, fomos recebidos pelo Sr. Jorge, que nos conduziu a uma roda de conversa, na qual compartilhou a história da fundação do Quilombo São Miguel. Segundo ele, a comunidade se formou a partir da resistência de famílias negras que, logo após o período da escravidão, buscaram formas de garantir sua sobrevivência, autonomia e liberdade. Essas famílias se deslocaram para a região de Maracaju, fixando-se em terras que, inicialmente, eram de difícil acesso e pouco valorizadas economicamente, mas que ofereciam possibilidades de cultivo e de construção de uma vida digna, livre da opressão.

O Sr. Jorge relatou que os primeiros moradores do Quilombo São Miguel eram descendentes de homens e mulheres que fugiram dos regimes de trabalho forçado nas fazendas da região, assim como de trabalhadores libertos que se uniram em busca de proteção mútua, apoio comunitário e manutenção das tradições ancestrais. A escolha do local foi estratégica, tanto pela abundância de recursos naturais quanto pela possibilidade de se manterem relativamente distantes dos centros urbanos e das ameaças externas.

Ao longo das décadas, os moradores da comunidade organizaram-se coletivamente para assegurar não só a posse da terra, mas também para manter vivas práticas culturais, espirituais e de produção agrícola, fundamentais para a preservação de sua identidade quilombola. A luta pela regularização fundiária, narrada por seu Jorge, não foi fácil e envolveu enfrentamentos com interesses externos, invisibilização institucional e resistência política, sendo um processo que se estendeu por muitos anos até o reconhecimento formal da comunidade como território quilombola.

Esse relato revelou que o Quilombo São Miguel não é fruto do acaso, mas sim de uma construção histórica marcada por luta, resistência e organização coletiva. A comunidade segue até hoje sendo espaço de memória, de proteção dos saberes ancestrais e de valorização

da cultura afrodescendente, desempenhando um papel fundamental na preservação da identidade e da história negra no estado de Mato Grosso do Sul.

Na sequência, o bolsista Joseph, integrante do projeto MIR – Redes Antirracistas, proporcionou um momento formativo de extrema relevância, trazendo à tona a verdadeira dimensão da história do continente africano, muitas vezes negligenciada no ensino formal brasileiro. Sua fala iniciou-se desmistificando concepções equivocadas e estereotipadas sobre a África, que frequentemente é apresentada nos livros didáticos e nos discursos escolares de forma limitada, restrita à escravidão e à miséria. Ele destacou que, antes da invasão europeia, o continente africano já possuía civilizações altamente desenvolvidas, com sistemas complexos de organização política, econômica, social e cultural.

Joseph aprofundou sua explanação abordando o Egito antigo como um dos berços da civilização humana, destacando que os avanços em áreas como arquitetura, engenharia, medicina, escrita e astronomia foram construídos por povos africanos. Explicou que a escrita hieroglífica, os conhecimentos médicos e cirúrgicos, a construção das pirâmides e os avanços matemáticos não surgiram na Europa, mas na própria África, séculos antes de qualquer processo de colonização. Este resgate é de suma importância para desconstruir a narrativa eurocêntrica que ainda persiste nas práticas pedagógicas.

O bolsista também apresentou com riqueza de detalhes as histórias de Sunni Ali Ber, líder militar e político do Império Songhai, conhecido por sua bravura, sua capacidade de gestão e por ter transformado Gao em um grande centro comercial e intelectual do oeste africano. Igualmente significativa foi a menção a Mansa Musa, imperador do Mali no século XIV, considerado até hoje o homem mais rico da história, cuja riqueza provinha não apenas do ouro, mas também do controle de rotas comerciais e de um império próspero e organizado. Ao citar Mansa Musa, Joseph refletiu sobre como a história hegemônica oculta a relevância dos impérios africanos e de suas contribuições civilizatórias.

Além disso, foram destacadas as lutas contemporâneas dos povos africanos, como no caso da Guiné-Bissau, que completou 53 anos de independência, fruto de uma resistência anticolonial liderada por movimentos de libertação como o PAIGC, sob a liderança de Amílcar Cabral. Este ponto foi fundamental para conectar passado e presente, mostrando que a resistência negra não se limita ao período escravocrata, mas é uma constante na luta pela autodeterminação dos povos africanos e afrodescendentes.

Este momento formativo não foi apenas informativo, mas profundamente transformador, pois nos convidou a repensar nossas próprias formações, nossos referenciais teóricos e nossas práticas enquanto futuros educadores. Percebemos o quanto o

desconhecimento ou a deturpação da história africana e afro-brasileira alimenta o racismo estrutural e as desigualdades presentes na sociedade e na escola.

Após essa rica roda de conversa, realizamos uma trilha guiada pelos próprios moradores da comunidade, que teve um significado muito além de uma simples caminhada. O percurso permitiu adentrar no território quilombola, conhecendo não só os espaços físicos — como as áreas de cultivo, os locais de uso coletivo e de preservação ambiental —, mas, sobretudo, compreendendo a profunda relação que a comunidade mantém com a terra. Cada espaço visitado carrega uma história, uma memória coletiva, uma prática de resistência.

Os moradores nos explicaram que o território não é apenas um espaço de sobrevivência econômica, mas é um elemento constitutivo da identidade quilombola. A terra representa ancestralidade, pertencimento e continuidade. Durante o trajeto, foi possível observar como os saberes tradicionais estão presentes nas práticas cotidianas — desde o manejo sustentável dos recursos naturais até os conhecimentos sobre plantas medicinais, cultivo agroecológico e preservação da biodiversidade.

A trilha também proporcionou momentos de reflexão sobre os desafios enfrentados pela comunidade, como o avanço da monocultura, as dificuldades no acesso a políticas públicas específicas e a constante luta pela garantia dos direitos territoriais. Foi evidente perceber que, mais do que resistir, o Quilombo São Miguel ressignifica diariamente sua existência, mantendo viva a cultura, os saberes ancestrais e as práticas de solidariedade comunitária.

Reflexões e considerações finais

Refletir sobre essa experiência nos leva a compreender que a luta antirracista se constrói, sobretudo, a partir do reconhecimento dos sujeitos históricos que foram historicamente marginalizados, mas que resistem e continuam produzindo saberes, cultura e identidade.

A visita ao Quilombo São Miguel proporcionou um encontro formativo que extrapola os muros da universidade. Estar em contato direto com a comunidade, ouvir suas histórias, aprender sobre sua cultura e compreender seus desafios atuais nos convoca, enquanto futuros educadores, a repensar nossas práticas pedagógicas e a nossa atuação social.

Percebemos, de maneira concreta, que a educação antirracista não se resume à inserção de conteúdos pontuais sobre a história da África e da população afro-brasileira. Trata-se de um compromisso ético, político e pedagógico com a construção de uma sociedade

mais justa, que reconheça e valorize as diversas matrizes culturais que compõem a identidade brasileira.

Como acadêmicos participantes do projeto MIR – Redes Antirracistas, reforçamos a importância de espaços como este, que possibilitam o rompimento com práticas pedagógicas eurocêntricas e coloniais, e que promovem a valorização dos saberes ancestrais. A vivência no Quilombo São Miguel nos ensinou que as práticas antirracistas não são meramente teóricas, mas devem ser vivenciadas, sentidas e construídas de forma coletiva e constante.

Diante disso, a nossa formação docente se fortalece quando alinhada às práticas de escuta, de valorização das diferenças e de reconhecimento das histórias que, por tanto tempo, foram silenciadas. Compreendemos que o nosso papel como educadores é ser mediadores de processos que promovam a equidade, a justiça social e a valorização da diversidade. Assim, reafirmamos nosso compromisso com uma prática pedagógica que combata o racismo estrutural e promova a transformação social, contribuindo para uma educação libertadora, pautada no respeito, na valorização das identidades e na construção de uma sociedade plural e democrática.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Educação para a igualdade racial: desafios e perspectivas.** Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n. 88, p. 425-440, maio/ago. 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação: saberes construídos nas lutas por uma educação antirracista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVA, Sueli Carneiro (Org.). **Educação e relações raciais: apostando na construção de uma nova prática pedagógica.** Brasília: Ministério da Educação, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.